



# abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

## UM TÁXI PARA VIENA D'ÁUSTRIA NAS TEIAS DO DESAMPARO E DA SOLIDÃO

Leila Silva de Jesus (UNEB)

**RESUMO:** Freud considera a fuga da dor e a busca do prazer motivadores do comportamento humano, uma vez que a arte libera as tensões e permite o gozo com os próprios devaneios sem autoacusações e vergonha. No texto literário, os elementos do inconsciente de um sujeito permeiam a história contada e, mesmo que em suspenso, a realidade está presente subjacente à ficção. O vazio, o estranhamento e a indiferença percebidos seriam uma projeção de si mesmo. Assim acontece em *Um táxi para Viena d'Áustria*, romance em que o escritor, através de sua criação artística empreende a catarse de um sonho violento que o levou em busca da psicanálise. Sonho e inconsciente se comunicam em um jogo de ocultação e revelação do texto. A experiência do inconsciente se manifesta por meio de uma escritura com teor despedaçado e da emergência de manifestações e ações incompreensíveis de sujeitos trágicos que lutam com suas tensões e dramas diante do sentimento de desamparo e solidão. É por meio da dor que o homem experiencia o mundo e o outro, como também olha para dentro, para o sentimento de vazio e de isolamento ante uma solidão existencial. Esta proposta de trabalho se fundamenta na possibilidade de reflexão do homem contemporâneo imerso em uma crise subjetiva, adensada com a fragilidade das relações humanas, que o lança em estágios de desamparo e solidão. O romance é usado para ilustrar como as fantasias e devaneios se adaptam, alteram as situações e recebe delas uma impressão, fixando novas maneiras de perceber e sentir o mundo. Para embasar tal análise, foram tomados como aporte teórico os textos *Escritores criativos e devaneios* (1908) e *O inconsciente* (1915), de Sigmund Freud, *Psicanálise e literatura* (1978), de Jean Bellemin-Noel, *Circuitos da solidão* (2003), de Bernardo Tanis e *Mal-estar na atualidade* (2014), de Joel Birman.

**Palavras-chave:** Literatura. Psicanálise. Desamparo. Solidão.

O texto literário vai além dos limites que marcam questões fundamentais da existência humana, a saber: a morte, o sofrimento, a culpa a que constantemente incorre-se. A estas situações que o ser não pode transpor é comum tentar se esquivar e se agarrar a situações concretas que podem ser planejadas, ações guiadas por interesses materiais, acúmulo de bens e de poder em determinados espaços. No entanto, o efêmero dá o tom, dita o ritmo das mudanças e a importância das coisas. A ausência de garantia

em um mundo dinâmico, acelerado e inconstante faz com que os sujeitos se sintam desorientados ou inseguros diante de suas escolhas. A busca de uma vida plena e segura pode conduzir ao experimento da solidão e do desamparo e, assim, diante das expectativas frustradas se instaura o vazio, o sentimento de não pertença e abre-se uma lacuna na compreensão do existir e do sentido da vida.

A literatura, constitui uma rica fonte de manifestações e expressões dos conflitos humanos, uma vez que reflete simbolicamente a vida. Por meio dela o sujeito é conduzido a um processo de reflexão pessoal e ampliação da consciência que pode levá-lo a uma experiência psicológica transformadora. Diante disso, este trabalho busca refletir sobre o a crise subjetiva do homem contemporâneo, imerso nos sentimentos de desamparo e solidão adensados com a fragilidade das relações humanas, percebidos no personagem Veltinho de *Um táxi para Viena d'Áustria*.

A literatura acolhe o sujeito, ser de linguagem que cria e apreende o real por meio de experiências diversas. A partir dela o inconsciente se faz ouvir, seja na criação literária enquanto sublimação de uma pulsão,<sup>1</sup> de modo a atender um desejo de expressão, na emergência de algo que ficou recalcado e veio à tona, ou no projetar-se no momento da leitura e fruição experienciadas pelo leitor. O texto literário vai além do que revela pelas palavras, na medida em que é lido, conversa com o leitor e se abre a novas significações.

Em *escritores criativos e devaneios*, Freud (1908) expressa curiosidade em saber qual a fonte de material do escritor criativo, este que trabalha de modo a despertar os mais diversos sentimentos no leitor. Ao pesquisar o processo criativo, o psicanalista desvela o fantasiar e encontra os fundamentos do caráter imaginativo do artista na infância com seus jogos e brincadeiras. A atividade imaginativa do escritor é, então, comparada ao ato de brincar, uma vez que ambos manipulam a realidade e a reeditam. A criança e o artista reajustam os elementos do mundo da maneira que o agrada; sendo que aquela consegue distinguir seu mundo de brinquedo da realidade imediata. A criança liga a imaginação ao tangível e essa conexão do imaginado com o real diferencia o brincar do fantasiar. O fantasiar, que substitui a brincadeira na fase adulta, é oculto, fechado, por ser infantil ou proibido. Revelado por manifestações psicossomáticas ou expresso pela criação artística, enquanto o brincar infantil é exposto.

---

<sup>1</sup> Estímulo constante que se manifesta no indivíduo e o impele para um objetivo.

A brincadeira é uma encenação do mundo. Logo, a obra literária é substituída do brincar, posto que se constitui da expressão das fantasias movidas pelo desejo que tanto motiva o gesto do brincar como o da escrita. A criança leva a brincadeira a sério e despende com isto muita emoção, assim como o escritor com relação ao seu mundo ficcional. A relação entre o brincar infantil e a criação poética é possibilitada pela linguagem.

O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade. A linguagem preservou essa relação entre o brincar infantil e a criação poética (FREUD, 1908, p. 150).

O real não causa prazer, o qual só é possível enquanto jogo de fantasia. Assim a “irrealidade” da obra é importante para a técnica da arte do escritor, ao permitir que a satisfação do leitor seja obtida pelo texto literário, procedente da liberação de tensões mentais catexizadas<sup>2</sup>, ao deleitar-se com os próprios devaneios, livre de culpa ou vergonha. O leitor, diante de uma criação artística, pode superar o sentimento de repulsa, geralmente causado pelas fantasias, porque o artista exprime em tons suaves suas imagens fantasiosas e, ao oferecer prazer estético, tornam-nas aceitáveis e até prazerosas.

A linguagem literária trabalha com deslocamentos, forma e conteúdo que ganham novos arranjos e desviam o texto do convencional e permite apreensões de sentidos, de desejos, de epifanias e de prazeres. Para se tornar arte, o devaneio precisa perder a pessoalidade; desse modo, o horror, enquanto representação, desperta prazer. A obra de arte é, portanto, a evasão da fantasia, mas sem o tom confessional. A fantasia do escritor não assusta porque aparece reprocessada. Assim se passa com *Um táxi para Viena d'Áustria*, narrativa que evidencia uma estreita relação entre a literatura e a psicanálise no tocante ao conhecimento humano e à fonte de material do artista, que desperta nos leitores emoções desconhecidas.

Envolto pelas evocações que beiram o onírico, o romance coloca em cena o devaneio de Veltinho, um publicitário que mata, com dois trios na barriga, um amigo que não via há 25 anos, e em seguida entra em um táxi que permanece inerte em um engarrafamento provocado por um caminhão da Coca-Cola. Num estado de

---

<sup>2</sup> Catexia é o investimento pulsional dirigido a algum objeto, a exemplo da criação artística.

semiconsciência o personagem para de se importar com o que acontece à sua volta. Nesse momento, é transportado para dentro de si mesmo, lugar permeado por conflitos.

*Um táxi para Viena d'Austria* está localizado nas instâncias do sonho e do devaneio tão bem desenhados por Freud. A sua estrutura é de sonho e a enunciação romanesca tem um caráter duplo: uma narrativa em vigília – a do narrador no táxi – e outra em clima onírico, latente – a do devaneio, do sonho. O gesto da escrita, nesse romance, se deu para o escritor a partir da manifestação de seu inconsciente em forma de sonho, descrito por ele como terrível, a ponto de levá-lo em busca da psicanálise para entender a violência. Depois do horror inicial, causado pela violência do sonho, Antônio Torres decidiu escrever um romance, mas para isso precisou, em sua atividade imaginativa, trabalhar a linguagem retirando toda a pessoalidade. Ao reescrever sua experiência onírica, a realoca no jogo da fantasia e a apresenta como narrativa.

O caos interior é organizado na escrita que estampa um traço da complexidade da alma humana e o que nela há de conflituoso, desconhecido e obscuro. Estas manifestações aparecem refletidas no jogo com a linguagem, no fluxo de consciência, na complicação do enredo, e, constrói um personagem trágico que vivencia os sentimentos de desamparo e solidão.

### **Leituras da subjetividade: desamparo e solidão**

O ser nasce em estado de desamparo e irá levá-lo dentro de si por toda a vida, é a sua condição natural. Experiência primordial do recém-nascido, uma vez que depende do outro para satisfazer suas necessidades e pôr fim à tensão interna, o desamparo se origina com a separação do bebê do adulto cuidador. Tal experiência é sentida como algo catastrófico e o sentimento ali originado constituirá a posição do sujeito nos laços afetivos e relações sociais. No momento em que as angústias do adulto tão bem escondidas sob as muitas obrigações e projetos de vida são descortinadas, o desamparo estrutural ressurgue.

A falta de auxílio e proteção, circunda e confronta o ser em sua condição de incompletude e fragilidade assinalando o desamparo, mal-estar relacionado a impossibilidade de satisfação e harmonia entre as exigências pulsionais do indivíduo e a sua satisfação. O sentimento de desamparo se manifesta na dificuldade de o “eu” solitário enfrentar as solicitações e necessidades individuais ou externas, não raras vezes, frustradas com projetos inconclusos.

O homem cria artifícios para tentar esconder o desamparo que se agiganta diante de questões perturbadoras. No entanto, o desamparo não pode ser ultrapassado, é uma condição que acompanha o sujeito por toda existência. O conflito deve ser gerido, de modo a neutralizar a função trágica exercida no sujeito marcado pelo imprevisível e pela constatação da finitude. Nesse sentido, a partir de uma leitura de Freud, Joel Birman afirma que, “[...] o desamparo seria, não apenas inevitável, mas também incurável, já que não existiria qualquer proteção originária para o sujeito. Por isso mesmo, impõe-se ao sujeito a exigência de gestão do mal-estar e do desamparo, pelo registro horizontalizado dos laços sociais” (BIRMAN, 2014, p. 154).

Através das relações inter-humanas o sujeito deve fazer frente a condição de desamparo, no entanto, as tensões e o mal-estar das trocas sociais são inevitáveis elementos geradores de sofrimento. A infelicidade de Veltinho chega em dois sentidos, no vazio existencial e na insatisfação desencadeada nas relações com os outros. A fragilidade dos laços familiares e de amizade aumentam a angústia e o deslocamento. Os medos, a culpa e, sobretudo, a dificuldade no contato e na troca com o outro se materializa na forma de uma parede branca que se movimenta e cerca o personagem, de modo, a bloquear o acesso às pessoas e ao mundo. Anúncio da infelicidade e do desamparo persegue, aflige e comunica aspectos desde os mais exteriores até os mais recônditos do intimismo do personagem. A solução imediata para seu grande obstáculo seria o suicídio, mas chega à conclusão de que tirar a própria vida seria um fracasso existencial e compreende que deve aprender a conviver com os desencontros e descompassos entre o mundo e o ser.

Tal como o desamparo, o sentimento de solidão é inerente à vida, no entanto, na atualidade, parece aumentar à medida que a população cresce. As pessoas estão empenhadas em consumir e exibir uma imagem feliz sem a preocupação com o outro, que se torna cada vez mais invisível e acaba imerso em um mundo indiferente ao que acontece à volta, ocupando-se do próprio vazio.

A solidão pode ser vivenciada de duas maneiras: ao sentir a ausência do outro, do qual se mantém uma distância física, como também do olhar para si mesmo, e sentir o vazio e o isolamento ante a existência no mundo. Ao ler o sujeito da modernidade e seus desencontros, Bernardo Tanis, tece considerações sobre a solidão vivenciada quando se está na presença de pessoas, porém distantes afetivamente: “[...] não é uma solidão imposta pelos outros, nem uma solidão intencionalmente buscada. É a solidão

do homem consigo mesmo, com a dimensão desconhecida de si mesmo” (TANIS, 2003, p. 87).

Vetinho experiencia as duas faces da solidão. Ele sofre com a ausência do outro e com a precariedade dos vínculos que estabeleceu ao longo da vida, vínculos contratuais marcados por signos reificantes e imagéticos que sustentaria uma subjetividade narcisista. A falta de comunicação e ter de lidar com a ausência de solidariedade e de compaixão o faz sentir-se infeliz e vivenciar uma ausência de rumo. Na tentativa de aplacar a solidão e a angústia, trilha as ruas e conclui ser mais uma sombra pouco percebida e lembrada. O mal-estar se intensifica e o sentimento de estranheza se torna desafiador.

A sua solidão é também ontológica, relacionada à sua condição de existência, as circunstâncias externas não interferem na sua subjetividade esvaziada de sentido, a presença do outro não é consolo: “[...] o problema é o desconforto – lá dentro, bem no fundo, no meu íntimo. Há algo de errado. Não sei o quê” (TORRES, 2002, p. 74). Mesmo rodeado de pessoas o personagem se sente só, deslocado e prefere preencher seu tempo com o trabalho e com o consumo de bebida alcóolica, mecanismos com os quais enganaria o vazio. Ele não acredita em si e sente uma desilusão em relação ao mundo, a única certeza é a sua condição frustrada.

O homem contemporâneo pode ser lido a partir dos sentimentos de solidão e de desamparo que caracterizam o mal-estar do sujeito, e sua constante busca por mecanismos para dissimular as angústias manifestadas pela perda de si e pelo vazio existencial em um mundo que não se apieda da dor particular. Vetinho, ao se deparar com uma situação limite, entra no que seria seu abrigo provisório, um táxi. A estação de rádio toca o *Réquiem* de Mozart, nesse instante é subitamente tomado por um estágio de delírio, única saída para que ele não viesse a sucumbir em decorrência do desamparo e da solidão que se apresentam de maneira tão incômoda e intensa. Pela via do imaginário, o personagem é transportado para Viena, universo musical e distante de todo caos. Dissolvida as fronteiras espaciais e temporais, o sofrimento seria desfeito pela musicalidade que guarda a ideia de escape e evasão de um espaço-tempo desolador. Porém, o delírio é repleto de ambiguidades: desamparo e acolhimento, tristeza e alegria, angústia e serenidade.

*Um táxi para Viena d’Áustria* traz os dilemas da realidade em um mundo em que as relações, não raras vezes, são pautadas por valores superficiais e de consumo para estabelecer um jogo com o social, o que acentua o desamparo estrutural. A

narrativa, privilegia os conflitos e os sentimentos do sujeito, tanto que as estruturas textuais do romance são desenhadas em paralelo com os estágios vivenciais do personagem principal. A estrutura não linear, o fluxo de consciência, a mistura de sonho e realidade, ilustram as dificuldades de Veltinho em lidar com as exigências do mundo e a subjetividade fraturada e estetizante.

### **Considerações finais**

O romance, com suas peculiaridades e significações, apresenta uma realidade familiar por meio dos ecos que constituem cada ser expresso na escrita. Narrado por um personagem imerso em um estado entre o sono e a vigília, traz as manifestações dos polos da consciência e do inconsciente. As tensões e dramas humanos representados pela angústia originada do sentimento de desamparo e solidão ganham forma na tessitura de um personagem com perfil de subjetividade complexa. A imersão de Veltinho em si mesmo e o trânsito em torno de sua solidão e entendimento da condição de exilado, representa também as pulsões e angústias do próprio escritor diante da emergência de um sonho que o perturba.

A experiência do inconsciente age de duas maneiras: na representação de algo que ficou recalado no escritor e veio à tona em forma de sonho e por meio de devaneios para o personagem. O inconsciente do artista emerge e reivindica o seu lugar na superfície pela via do sonho e se materializa na escrita. O sonho do autor e a parede que persegue Veltinho são frutos de uma repressão e representa para ambos um obstáculo causador de tensões e angústias. Sonho, parede, escrita fragmentada e devaneio se entrecruzam como em um jogo de espelhos.

Retrato de pessoas solitárias, perdidas, fragmentadas e voltadas para seu próprio eu, o personagem é um homem solitário, repleto de angústias e sonhos frustrados que vivencia a fugacidade das coisas, inclusive o sentimento de bem-estar. Quando a vida se torna insustentável e as possibilidades do plano real se esgotam, o personagem é amparado pela imaginação. Autor e personagem encontram refúgio das angústias, dores e situações absurdas pela via do imaginário, na escrita para Antônio Torres e na fuga para lugares edênicos para Veltinho.

## Referências

BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e literatura*. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. (1908 [1907]). In: \_\_\_\_\_. “*Gradiva*’ de Jensen e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. IX, p. 145-158.

\_\_\_\_\_. *O Inconsciente* (1915) Obras Completas, Vol. XIV. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

TANIS, Bernardo. *Circuitos da solidão: entre a clínica e a cultura*. São Paulo: FAPESP, 2003.

TORRES, Antônio. *Um táxi para Viena d’Áustria*. Rio de Janeiro: Record, 2002.